

TECNOLOGIA

Satélites ajudam quilombos da Amazônia

Comunidades de escravos fugidos se fixaram em longínquos pontos da selva no século 18

JOSÉ PEDRO S. MARTINS

A tecnologia de sensoriamento remoto por satélite e a cartografia digital são alguns dos recursos de última geração que estão sendo utilizados na demarcação e na formulação de projetos de desenvolvimento sustentável para as comunidades remanescentes de quilombos no Estado do Pará, no coração da Amazônia brasileira.

As comunidades que herdaram o legado dos quilombos formados na Amazônia, no século 18, estão sendo demarcadas em função da Constituição de 1988. O texto constitucional prevê a garantia, aos moradores das antigas áreas dos quilombos, dos direitos sobre as suas terras.

Somente na região do rio Trombetas, no Pará, existem 21 comunidades remanescentes de quilombos em luta pela demarcação garantida pela Constituição, o que ainda não aconteceu. Para conduzir essa luta, os moradores criaram, nessa região, a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná - Arqmo.

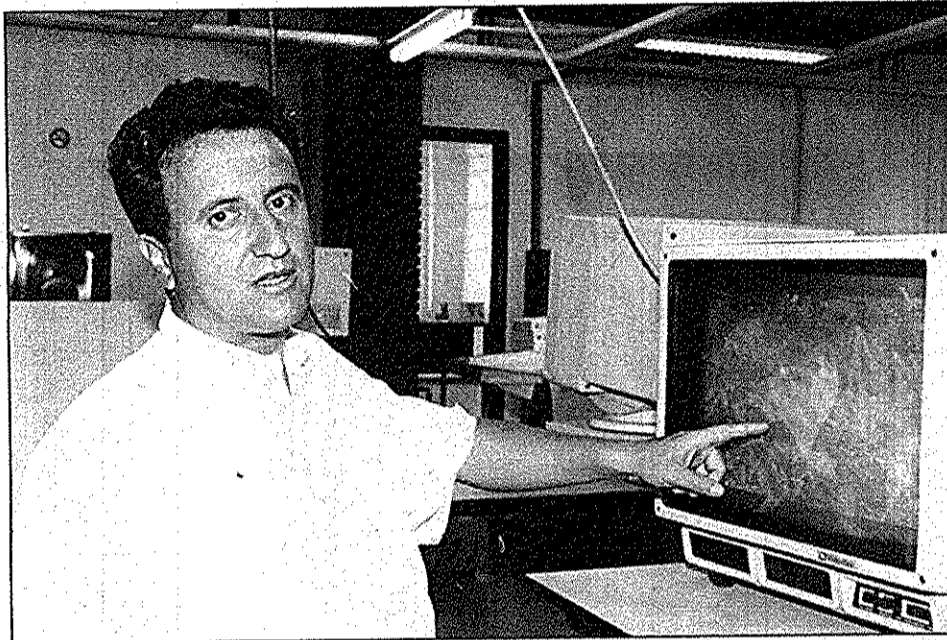
Em conjunto com a Comissão Pró-Índio - CPI, de São Paulo, a Arqmo coordena a série de projetos elaborados para a demarcação e o uso ordenado das terras nas áreas dos antigos quilombos. Participam dos projetos, dando o suporte técnico, pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa e a ONG Ecoforça.

Desenvolvimento sustentado

Mapear e identificar os recursos naturais existentes nas terras dos antigos quilombos são alguns dos objetivos dos projetos em curso, explica o presidente da Ecoforça, Evaristo Eduardo Miranda. Com o mapeamento, explica, as comunidades remanescentes de quilombos podem utilizar de forma racional os seus recursos naturais, por exemplo, através do extrativismo de produtos da floresta.

Miranda acentua que o zoneamento agroecológico das áreas originárias dos quilombos vai fornecer subsídios no sentido de prevenir os problemas encontrados pelas reservas extrativistas demarcadas como resultado da luta dos seringueiros do Acre. As reservas foram demarcadas, e os direitos dos seringueiros garantidos, mas por falta de projetos de desenvolvimento, por parte do governo federal, estão passando por dificuldades.

Os projetos coordenados pela Arqmo e pela CPI estão se preocupando, nesta linha, com itens que vão desde a forma de geração e distribuição de energia elétrica para as comunidades, até a sistematização de alternativas de transporte para a comercialização dos produ-



Evaristo Eduardo Miranda localiza quilombos via satélite

tos oriundos dessas comunidades, como a castanha e outros cultivados pelo extrativismo, sem agressão à floresta. Pensar o transporte é estratégico em uma região onde ele é feito basicamente por via fluvial.

Saúde deficiente

Os projetos também prevêem atividades que assegurem o saneamento básico para as comunidades. Este é outro item essencial, à medida que os moradores têm enfrentado sérios problemas de saúde, por falta de assistência médica básica.

As más condições de saúde e a falta de saneamento básico nas áreas remanescentes de quilombos foram comprovadas por um censo realizado nos locais, sob a coordenação das pesquisadoras Maristela Simões do Carmo e Julieta Salles, do Departamento de Planejamento e Produção Agropecuária da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp. O levantamento de campo foi elaborado pelo engenheiro agrônomo Marco Antonio Baldoni.

Durante mais de um mês, a equipe da Unicamp aplicou questionários em 18 das 21 comunidades da região do rio Trombetas. Os pesquisadores constataram a total precariedade do saneamento básico na região. Todas as 561 famílias das comunidades visitadas utilizam da água de rios, lagos ou igarapés para consumo próprio. O lixo gerado é queimado ou simplesmente deixado a céu aberto.

A assistência médica é igualmente deficiente. Dos 123 nascimentos registrados em 1995, somente 47 tiveram hospitais como local de parto. Os partos de 76 bebês aconteceram nas próprias casas dos moradores. Os hospitais ficam a quilômetros de distância, na área urbana de Oriximiná e na cidade montada na região pela Mineração Rio do Norte.

Os pesquisadores da Unicamp também constataram que os remédios mais usados nas comunidades são naturalmente as formulações caseiras, utilizadas para combater as enfermidades mais comuns, como a malária, ou as picadas de cobras. Em 1995 dois moradores morreram de malária.

Os agentes de saúde estão ausentes de 12 áreas. A Pastoral da Criança, da Igreja Católica, tem atividades regulares em duas comunidades, e já atuou em outras duas.

A estrutura de educação não é menos precária. Existem escolas em 11 comunidades, uma delas embaixo de uma árvore, a do Sagrado Coração. Em seis escolas, apurou a equipe da Unicamp, alunos faltam às aulas para acompanhar os pais nos castanhais.

Escravos em fuga

De acordo com Lúcia de Andrade, da CPI, os quilombos da região do rio Trombetas foram constituídos pelos escravos fugitivos das primeiras fazendas de cacau e gado na Amazônia. Os escravos subiam o rio de barco e iam se estabelecendo. A cada avanço das expedições dos capitães de mato, de caça aos escravos fugitivos, os quilombos iam ficando cada vez mais distantes.

Viajantes que circularam pela região no final do século 18 e início do 19 passaram a registrar a existência dos quilombos, como O. Derby, autor de "O rio Trombetas", de 1898. Alguns desses relatos indicam que em 1812 foram destruídos, por expedições de capitães de mato, os quilombos de Inferno e Cipotema, que seriam as primeiras comunidades de quilombos na Amazônia. Estavam localizados nas cabeceiras do rio Curuá, um afluente da margem esquerda do Amazonas.

Os parentes mais antigos dos atuais moradores das comunidades remanescentes de qui-

lombos, segundo Lúcia de Andrade, pertenciam ao quilombo Maravilha. Ele foi formado por ex-escravos beneficiados pela revolução da Cabanagem, que agitou o Pará em 1835.

Ela cita alguns relatos, como do historiador Vicente Salles, dando conta que, tirando as expedições dos capitães de mato, os quilombolas conseguiam manter um comércio frequente com os moradores brancos mais próximos.

A pesquisadora da CPI observa que as expedições de caça aos escravos continuaram na Amazônia, até a chamada Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888. "A última de que se tem notícia - informa - ocorreu no verão de 1876 e foi dirigida contra um quilombo localizado no rio Curuá, resultando na sua destruição".

Com a abolição, continua a pesquisadora, foi intensificada a ocupação das áreas de quilombos ao longo do Trombetas. A concentração ocorreu no trecho logo em seguida das primeiras cachoeiras, o que também funcionava como uma estratégia de defesa dos quilombolas.

As primeiras comunidades remanescentes de quilombos já demarcadas no Pará foram as de Pacoval e Água Fria. O presidente Fernando Henrique Cardoso entregou os títulos de propriedade aos moradores em solenidade em 20 de novembro do ano passado, no Dia Nacional da Consciência Negra, quando se lembra a morte de Zumbi dos Palmares. Foram beneficiadas 129 famílias. Os títulos abrangem uma região de 8 mil hectares. Por tudo o que se conhece de história fundiária no Brasil, a demarcação de todos os quilombos remanescentes ainda demora, entendem os pesquisadores envolvidos nos projetos em curso.

SUMMARY

Researchers from the State University of Campinas (Unicamp), the Center for Environmental Monitoring (NMA), Embrapa, and the non-governmental organization Ecoforce are giving technical support to the projected demarcation and developmental stimulus of the remnant areas of the "quilombos" (nt. settlements established by runaway slaves) in the state of Pará, principally in the region of the River Trombetas. These projects are being coordinated by the Pro-Indian Commission (CPI), of São Paulo, and the Association of Remnant Quilombo Communities of the Municipality of Oriximiná (AROMO). The demarcation and the property rights of the descendants of the inhabitants of the past quilombos are guaranteed by the Brazilian constitution of 1988. In the work of demarcation and the formulation of projects for sustainable development, sophisticated technologies are being used, such as remote satellite sensing and computerized digital cartography.